

Sinodalidade: ouvir o que o Espírito diz à Igreja

Antônio Ronaldo Vieira Nogueira ¹

Joaquim Jocélio de Sousa Costa ²

Resumo: O Papa Francisco, ao convocar o Sínodo 2021/2023 sobre a sinodalidade, tem sempre insistido em seus discursos que o Espírito Santo é o grande protagonista do caminho sinodal. Realizar esse processo implica, assim, escutar o Espírito e o que ele diz à Igreja. Esse artigo, por meio de revisão bibliográfica dos textos do Papa Francisco, pretende abordar o tema “Sinodalidade: ouvir o que o Espírito diz à Igreja” em três pontos fundamentais: no primeiro, queremos explicitar como o Espírito é quem permite o *sensus fidei*, fazendo com que todos os batizados possam ser sujeitos da missão da Igreja; no ponto seguinte, abordaremos o protagonismo que o Espírito tem no mundo, permitindo que também este possa dizer algo à Igreja e sobre a Igreja para que esta seja mais fiel à sua missão; por fim, no terceiro ponto, trataremos da ação do Espírito nos pobres, pois estes são os destinatários privilegiados do Evangelho e, ao mesmo tempo, são os evangelizadores, indicando à Igreja o caminho que ela deve seguir para ser fiel ao Reino anunciado e realizado por Jesus Cristo. É o Espírito, portanto, quem age na Igreja, indicando-lhe o autêntico caminho a ser seguido.

Palavras-chave: Espírito Santo. Sinodalidade. Igreja. Papa Francisco. Pobres.

INTRODUÇÃO

A convocação do Sínodo 2021-2023, com o tema “Por uma Igreja sinodal: comunhão, participação, missão”, tem gerado bons debates no campo teológico. Se é verdade que o expediente do Sínodo dos Bispos tem sido realizado enquanto Assembleia, desde o Concílio Vaticano II, este em especial nos tem feito perceber que a sinodalidade não consiste num mero procedimento operativo, próprio de um evento, mas, como disse o Papa Francisco (2015a), ela é “dimensão constitutiva da Igreja”. Ao Papa faz eco a Comissão Teológica Internacional quando afirma: “a sinodalidade não designa um simples procedimento operativo, mas a forma peculiar na qual a Igreja vive e opera”; e, ainda citando o Papa Bento XVI, na missa de inauguração da Conferência de Aparecida, a propósito do chamado “Concílio de Jerusalém”: a sinodalidade é “expressão da própria natureza da Igreja, mistério de comunhão com Cristo no Espírito Santo” (CTI, 2018, n.42). Esse dinamismo sinodal tem como fundamento o próprio Espírito: “A ação do Espírito na comunhão do Corpo de Cristo e no caminho missionário do povo de Deus é o princípio da sinodalidade” (CTI, 2018, n. 46).

1 Mestre em Teologia Sistemática pela Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia (FAJE) – Belo Horizonte/MG e professor de Teologia Sistemática da Faculdade Católica de Fortaleza (FCF) – Fortaleza/CE. Contato: aro-naldovn@gmail.com

2 Bacharel em Filosofia pela Faculdade Católica de Fortaleza (FCF) – Fortaleza/CE e Graduando no Bacharelado em Teologia da Faculdade Católica de Fortaleza (FCF) – Fortaleza/CE. Contato: joaquimjocelio@gmail.com

No dinamismo sinodal é fundamental o processo de escuta recíproca, tendo consciência de que nela se escuta o próprio Espírito Santo, o grande protagonista de todo o processo sinodal: “Uma Igreja sinodal é uma Igreja da escuta [...] escuta recíproca, onde cada um tem algo a aprender. Povo fiel, Colégio Episcopal, Bispo de Roma: cada um à escuta dos outros; e todos à escuta do Espírito Santo, o ‘Espírito da verdade’ (Jo 14,17), para conhecer aquilo que Ele ‘diz às Igrejas’ (Ap 2,7)” (FRANCISCO, 2015a).

Tendo, pois, clareza de que é esse protagonismo do Espírito Santo que faz acontecer o dinamismo sinodal como dom à Igreja, queremos destacar, nesse artigo, a partir de textos do Papa Francisco, três pontos dessa ação do Espírito que consideramos fundamentais: 1) o *sensus fidei*, pelo qual se chega à consciência de que todo o povo de Deus é protagonista da missão; 2) os clamores do Espírito no mundo, através dos sinais dos tempos e 3) a unção do Espírito que nos faz caminhar junto aos pobres, critério e medida de fidelidade da Igreja à missão de anunciar e realizar o Reino de Deus no mundo.

1 O ESPÍRITO NOS UNGE PARA CAMINHAR JUNTOS COMO PROTAGONISTAS DA MISSÃO

Se a sinodalidade é um processo de escuta recíproca para discernir o que o Espírito diz à Igreja, isso só é possível pelo *sensus fidei* dado pelo Espírito Santo à Igreja. Esse é o fundamento da sinodalidade, segundo o Papa Francisco (cf. 2015a). Para compreender bem isso, é preciso retomar algumas questões fundamentais do Concílio Vaticano II.

A Constituição Dogmática *Lumen Gentium* (LG), ao fazer preceder o capítulo sobre o Povo de Deus (capítulo 2) em relação aos diversos ministérios (capítulo 3 – hierarquia; capítulo 4 – leigos; capítulo 6 – religiosos), quis destacar que a Igreja é a comunidade dos batizados que forma o Povo de Deus. Com isso se destaca que “todos são iguais em dignidade. A ação de todos os fiéis em vista da edificação do corpo de Cristo é comum a todos” (LG 32). Os ministérios não estão acima nem fora do povo de Deus, mas a seu serviço.

Dentro desse horizonte, a *Lumen Gentium* desenvolve o tema do *sensus fidei* como dom do Espírito conferido a todos os fiéis:

O conjunto dos fiéis ungidos pelo Espírito Santo (cf. 1Jo 2,20.27) não pode errar na fé. Esta sua propriedade peculiar se manifesta pelo senso sobrenatural da fé, comum a todo o povo, “desde os bispos até o último fiel leigo” [Santo Agostinho], demonstrado no acolhimento universal a tudo o que diz respeito à fé e aos costumes. O senso da fé é despertado e sustentado pelo Espírito de verdade (LG 12).

O *sensus fidei* conferido a todos os batizados pela unção do Espírito é “uma espécie de ‘instinto’ espiritual que faz da fé algo comum/familiar a todos os crentes e torna possível na Igreja um ‘consenso universal’ (sentir/pensar/agir comum) nas questões fundamentais de fé” (AQUINO JÚNIOR, 2022, p.19). É esse sentir da fé que faz todos os fiéis sujeitos vivos e

ativos na Igreja: “O Concílio ensinou claramente que os fiéis não são apenas os destinatários passivos do que a hierarquia ensina e os teólogos explicitam; eles são, ao contrário, sujeitos vivos e ativos no seio da Igreja” (CTI, 2015, n.67).

O Papa Francisco, na Exortação Apostólica *Evangelii gaudium* (EG), fundamentado nessa doutrina do *sensus fidei*, ressalta o protagonismo que cada batizado tem na missão evangelizadora: “Em virtude do Batismo recebido, cada membro do povo de Deus tornou-se discípulo missionário [...]. Cada um dos batizados, independentemente da própria função na Igreja e do grau de instrução da sua fé, é um sujeito ativo de evangelização” de modo que “seria inapropriado pensar num esquema de evangelização realizado por agentes qualificados enquanto o resto do povo fiel seria apenas receptor de suas ações” e conclui que “a nova evangelização deve implicar um novo protagonismo de cada um dos batizados” (EG 120).

Falando da mesma questão no discurso por ocasião do cinquentenário da instituição do Sínodo dos Bispos, o Papa Francisco (2015a) afirma categoricamente que “o *sensus fidei* impede uma rígida separação entre *Ecclesia docens* e *Ecclesia discens*, já que também o Rebanho possui a sua ‘intuição’ para discernir as novas estradas que o Senhor revela à Igreja”. Essa mesma questão aparece no texto da Comissão Teológica Internacional (2015, n.4) sobre o *sensus fidei*:

Descartando a representação distorcida de uma hierarquia ativa e um laicato passivo e [...] a noção de uma rigorosa separação entre a Igreja docente [...] e a Igreja discente [...], o Concílio ensinou que todos os batizados participam, cada um a seu modo, dos três ofícios de Cristo: profeta, sacerdote e rei (FRANCISCO, 2015, n. 4)

Tais afirmações tão contundentes, ao contrário do que muitos círculos conservadores, velada ou explicitamente pensam, expressam a mais genuína Tradição da Igreja, sempre viva, na qual se pode descobrir e perscrutar elementos da Revelação que sempre estiveram presentes, mas não foram explicitados como convinha: “Graças ao *sensus fidei fidelis* e apoiado na prudência sobrenatural dada pelo Espírito, o fiel é capaz de perceber, em contextos históricos e culturais novos, quais podem ser os meios mais apropriados para dar testemunho autêntico da verdade de Jesus Cristo, e, além disso, nele conformar as suas ações”; dessa maneira, “o *sensus fidei fidelis* contribui para emergir e iluminar alguns aspectos da fé católica que antes estavam implícitos” e “essas evoluções nunca são puramente privadas, mas sempre de natureza eclesial” (CTI, 2015, n. 65).

Assim, percebemos que o ensinamento conciliar da Igreja como Povo de Deus e do *sensus fidei* pela unção do Espírito conferido a toda a comunidade dos batizados aparece como “a base ou o fundamento do que Francisco expressa/designa em termos de ‘sinodalidade’ ou ‘Igreja sinodal’” (AQUINO JÚNIOR, 2022, p.20). Esse *sensus fidei* como pressuposto para o processo sinodal inclui também outras Igrejas e comunidades eclesiais que não estejam em plena comunhão com a Igreja Católica bem como implica a escuta da cultura humana e o progresso da ciência e, sobretudo, os pobres.

Em relação às outras comunidades e Igrejas que não estão em plena comunhão com a Igreja Católica, o texto da Comissão Teológica Internacional (2015, n.56) lembra que o *sensus fidei* “deriva da virtude teologal da fé” e que, sendo esta “uma disposição interna, suscitada pelo amor, para aderir sem reservas à totalidade da verdade revelada por Deus”, então “não implica necessariamente um conhecimento explícito da totalidade da verdade revelada”. Daí se segue que “alguma forma de *sensus fidei* pode existir ‘nos batizados que são ornados com o belo nome de cristãos, mas não professam na íntegra a fé’ [...]”. A conclusão do texto é que “A Igreja Católica [...] deve estar atenta ao que o Espírito pode lhe dizer através dos fiéis das Igrejas e das comunidades eclesiais que não estão em plena comunhão com ela”. Portanto, a escuta das outras Igrejas e comunidades eclesiais, como parte do *sensus fidei*, é fundamental para que haja de fato um processo sinodal na Igreja: “uma Igreja sinodal é uma Igreja ‘em saída’, uma Igreja missionária, ‘com as portas abertas’ (EG, n. 46). Isto inclui a chamada a aprofundar as relações com as outras Igrejas e comunidades cristãs, com as quais estamos unidos mediante o único Batismo” (DOCUMENTO PREPARATÓRIO, 2021, n.15).

A escuta da cultura humana e do progresso da ciência também é necessária, pois também ela faz parte do *sensus fidei*. A partir da necessidade da leitura dos sinais dos tempos – tema que aprofundaremos melhor no próximo tópico –, na esteira da Constituição Pastoral *Gaudium et Spes* (GS) do Concílio Vaticano II, o texto da Comissão Teológica Internacional sobre o *sensus fidei* nos recorda que ele é sempre proativo e interativo, permitindo à Igreja realizar sua peregrinação na história e isso se reveste de grande importância, pois “oferece intuições que possibilitam abrir um caminho seguro em meio às incertezas e ambiguidades da história, e uma capacidade de auscultar com discernimento o que a cultura humana e o progresso da ciência têm a dizer. Ele guia a vida de fé e a ação cristã autêntica” (CTI, 2015, n.70). É isso que Francisco pede à Igreja de Roma e, por extensão, a toda a Igreja:

No caminho sinodal, a escuta deve ter em conta o *sensus fidei*, mas não deve ignorar todos aqueles “pressentimentos” encarnados onde não os esperaríamos: pode haver um “intuito sem cidadania”, mas não é menos eficaz. O Espírito Santo na sua liberdade não conhece fronteiras, nem se deixa limitar pelas pertencas. Se a paróquia é a casa de todos os habitantes do bairro, e não um clube exclusivo, recomendando: deixai as portas e as janelas abertas, não vos limiteis a considerar apenas aqueles que frequentam ou pensam como vós – que serão 3, 4 ou 5%, não mais. Deixai que todos entrem... Deixai-vos encontrar e deixai que vos interpelem, deixai que as suas perguntas sejam as vossas perguntas, caminhai juntos: o Espírito conduzir-vos-á, confiai no Espírito. Não tenhais medo de entrar em diálogo e deixai-vos perturbar pelo diálogo: é o diálogo da salvação. [...] Precisamos de sair dos 3-4% que representam os mais próximos, e ir além disso para ouvir os outros, que por vezes vos insultarão, vos perseguirão, mas precisamos de ouvir o que eles pensam, sem querer impor as nossas coisas: deixar que o Espírito nos fale (FRANCISCO, 2021c).

Por fim, é necessário recordar que o *sensus fidei* evita que a Igreja seja um simples parlamento com expressão de opiniões e votações em que uma maioria vence. Na Igreja o *sensus fidei*, como dom do Espírito que atua a partir de baixo, nos leva a escutar os pobres - sobre esse tema voltaremos no último tópico -, como critério de verificação de todo o processo sinodal, pois eles são o próprio sacramento de Cristo entre nós:

O exercício do *sensus fidei* não pode ser reduzido à comunicação e ao confronto de opiniões que possamos ter sobre este ou aquele tema, aquele aspeto (sic) único da doutrina, ou aquela regra de disciplina. [...] Não deve e não pode prevalecer para distinguir maiorias e minorias: é isso que um parlamento faz. Quantas vezes os “descartados” se tornaram “pedra angular” (cf. Sl 118,22; Mt 21,42), os “distantes” tornaram-se “próximos” (Ef 2,13). Os marginalizados, os pobres, os desanimados foram eleitos como sacramento de Cristo (cf. Mt 25, 31-46). [...] “Mas, Padre, o que está a dizer? Os pobres, os mendigos, os jovens toxicodependentes, todos estes que a sociedade descarta, são parte do Sínodo?” Sim, caro, sim, cara: não o digo eu, é o Senhor quem o diz: são parte da Igreja. A ponto que, se não os chamarmos, veremos o modo, ou se não os procurarmos para estar algum tempo com eles, para ouvir não o que dizem, mas o que sentem, até os insultos que nos dirigem, não estamos a fazer bem o Sínodo. O Sínodo vai até aos limites, inclui todos (FRANCISCO, 2021c).

2 CAMINHAR SEGUNDO OS CLAMORES DO ESPÍRITO NO MUNDO

Uma tentação constante na Igreja é pensar que o Espírito Santo age apenas entre nós, como se fôssemos proprietários dEle. Mas o Espírito sopra onde quer (cf. Jo 3,8), sua ação não está restrita ao ambiente eclesial. Ele já agia na história da salvação desde sempre e de formas misteriosas e surpreendentes continua a nos interpelar a partir de sua ação no mundo. Foi o Concílio Vaticano II que nos recordou a importância de perceber a ação do Espírito para além das fronteiras eclesiais, o que o Papa Francisco retoma e reforça de forma decisiva. Assim, para sermos Igreja sinodal, precisamos também caminhar juntos com a humanidade e assumir que o que o Espírito suscita no mundo também nos ajuda a ser mais fiéis ao Evangelho. Não é à toa que quanto ao caminho sinodal 2021-2023, a Santa Sé orientou que “é importante que os batizados escutem a voz de outras pessoas do seu contexto local... Pessoas de outras tradições de fé, pessoas sem crença religiosa, etc... ninguém – não importa a sua filiação religiosa – deve ser excluído de partilhar a sua perspectiva e experiências” (VADEMECUM, 2021, p. 13). Exploraremos agora essa questão.

O Papa São João XXIII usou em muitos momentos a expressão evangélica “sinais dos tempos” (Mt 16,3; cf. Lc 12,56) para expressar a necessidade da Igreja estar atenta ao tempo presente e compreender que só poderá verdadeiramente ser fiel à sua missão se responder devidamente à realidade atual. Principalmente porque muitas vozes defendiam a visão de Igreja

como sociedade perfeita separada do mundo. A Constituição Pastoral *Gaudium et Spes* (GS) ajudou a superar essa visão mostrando que a Igreja não está *fora do* mundo, mas *no* mundo e que, portanto, “não há realidade alguma verdadeiramente humana que não encontre eco no seu coração. Porque a sua comunidade é formada por homens, que, reunidos em Cristo, são guiados pelo Espírito Santo na sua peregrinação em demanda do reino do Pai”, e a Igreja também recebeu “a mensagem da salvação para a comunicar a todos. Por este motivo, a Igreja sente-se real e intimamente ligada ao gênero humano e à sua história” (GS 1).

“Agora se pretende partir do mundo de hoje, de suas esperanças e temores, de seus desequilíbrios e aspirações profundas (GS, nn. 4-10). Isto supõe que se considera a história e o mundo um verdadeiro lugar teológico onde Deus se nos comunica e revela” (CODINA, 2010, p. 221). Isso é fundamental. O mundo é lugar da ação do Espírito, portanto tem um caráter teologal que remonta a Deus e se é lugar de experiência de Deus, também é lugar a partir do qual se pensa Deus, se reflete sobre Ele, por isso também é lugar teológico. Por essa razão, afirma o Concílio que “acreditando... que é conduzido pelo Espírito do Senhor, que enche o universo, o povo de Deus vê e procura discernir nos acontecimentos, nas exigências e nas aspirações do nosso tempo, de que, aliás, participa, verdadeiros sinais da presença de Deus e de seu desígnio” (GS 11).

Nesse sentido, o Papa Francisco, falando à Cúria Romana sobre sua missão, a compara com uma antena ou um “receptor”. Trata-se de apreender as solicitações, as perguntas, os pedidos, os gritos, as alegrias e as lágrimas das Igrejas e do mundo, para os transmitir ao Bispo de Roma a fim de lhe permitir desempenhar mais eficazmente a sua tarefa e missão” (FRANCISCO, 2017b). O que aqui é dito à Cúria para a vivência de sua sinodalidade também serve para toda a Igreja. Devemos ser essas antenas/receptores que captam os clamores da Igreja e do mundo para os retransmitir na própria comunidade de fé, pois só a partir da realidade, do que o Espírito suscita nela poderemos desempenhar eficazmente nossa missão de batizados e batizadas. Francisco (2015c, n. 80) ainda nos recorda que “o Espírito de Deus encheu o universo de potencialidades que permitem que, do próprio seio das coisas, possa brotar sempre algo de novo”. Por isso, reza assim ao final de sua encíclica *Laudato Si'* (LS 246): “Espírito Santo, que, com a vossa luz, guiais este mundo para o amor do Pai e acompanhais o gemido da criação... Louvado sejas!”

A tradição cristã deu grandes contribuições para a humanidade e ainda o faz, mas ela também recebeu e recebe muito da mesma. Isso é fruto e ação do Espírito, se a ajuda a ser mais fiel à sua missão. Por isso, falando da evangelização das culturas, o Papa Francisco recorda que não só os missionários levam algo do Espírito aos povos, mas também “a própria Igreja vive um caminho de recepção, que a enriquece com aquilo que o Espírito já tinha misteriosamente semeado naquela cultura” (FRANCISCO, 2020, n 68). Por isso, só seremos Igreja sinodal, se nosso caminhar junto também for um caminhar em diálogo com as diversas realidades da sociedade, pois o que nos compete é discernir tudo e ficar com o que é bom (cf. 1Ts 5,21). Nesse sentido, falando à Ação Católica Italiana, Francisco (2017a) aconselhou:

Não vos canseis de percorrer os caminhos ao longo dos quais é possível fazer desenvolver-se o estilo de uma autêntica sinodalidade, um modo de ser Povo de Deus no qual cada um pode contribuir para uma leitura atenta, meditada e orante dos sinais dos tempos, para compreender e viver a vontade de Deus, persuadidos de que a ação do Espírito Santo intervém e renova tudo cada dia.

Um grande sinal dessa consciência é o próprio caminho sinodal 2021-2023 que em sua fase diocesana foi marcado pela escuta não só das comunidades católicas, mas de crentes de outras Igrejas e religiões e até pessoas sem vinculação religiosa. Quem pôde acompanhar esse processo sentiu não só quanto foi desafiador, mas também frutuoso e rico, pois percebemos quanto podemos aprender com o que o Espírito nos fala fora da Igreja. Assim,

Como Igreja que “caminha junto” com os homens, compartilhando as dificuldades da história, cultivamos o sonho de que a redescoberta da dignidade inviolável dos povos e da função de serviço da autoridade poderá ajudar também a sociedade civil a edificar-se na justiça e na fraternidade, gerando um mundo mais belo e mais digno do homem para as gerações que hão de vir depois de nós (FRANCISCO, 2015a).

3 O ESPÍRITO NOS UNGE A CAMINHAR JUNTO AOS POBRES

O Espírito age constantemente no mundo, renovando a face da terra (Cf. Sl 104,30). Já vimos que justamente por isso o mundo é lugar teológico. Mas é preciso destacar que nem toda realidade, eclesial ou social, tem a mesma densidade teológica. Existe um lugar teológico por excelência da ação do Espírito e que só a partir dele, se vive a verdadeira sinodalidade, a verdadeira escuta ao que o Espírito diz à Igreja (cf. Ap 2,7). Trata-se do mundo dos pobres.

Não se nega a universalidade da salvação, nem a liberdade do Espírito para agir onde e como quiser, mas se afirma que há como que uma misteriosa lei evangélica e *kenótica* na forma de agir do Espírito, um lugar pascal de sua presença, uma atuação *sub contrario*, paradoxal com o paradoxo evangélico. Dito de outra maneira, os pobres, os excluídos, os últimos são o lugar teológico privilegiado para compreender a ação do Espírito na história (CODINA, 2019, p. 44).

Por isso, explicitaremos melhor agora essa ação do Espírito a partir dos últimos e como só caminhando com eles poderemos viver verdadeiramente a sinodalidade.

O ser humano foi criado para Deus e só encontra sua plena realização nEle. A própria história da salvação é história da autorrevelação de Deus para salvar a humanidade, ou seja, fazê-la participar de sua vida divina. A sinodalidade é, portanto, um caminhar juntos de todo o povo de Deus para Deus mesmo. Porém, ao Senhor, como recorda o Papa Francisco (2021b), “não O encontramos quando e onde queremos, mas reconhecemo-Lo na vida dos

pobres, na sua tribulação e indigência, nas condições por vezes desumanas em que são obrigados a viver”. Por essa razão, o caminhar junto não é caminhar para qualquer lugar, mas é uma saída em direção às periferias (cf. FRANCISCO, 2013, nn. 20, 30, 49), pois Deus “ultrapassa sempre os nossos esquemas e não Lhe metem medo as periferias. Ele próprio Se fez periferia (cf. Flp 2, 6-8; Jo 1, 14). Por isso, se ousarmos ir às periferias, lá O encontraremos: Ele já estará lá” (FRANCISCO, 2018, n. 135). Assim, “uma Igreja sinodal é uma Igreja ‘em saída’, uma Igreja missionária” (DOCUMENTO PREPARATÓRIO, 2021, n. 15).

Desse modo, “vivemos a sinodalidade e a colegialidade e sentimos a força do Espírito Santo que sempre guia e renova a Igreja, chamada sem demora a cuidar das feridas que sangram e a reacender a esperança para tantas pessoas sem esperança” (FRANCISCO, 2014). Assim, se a sinodalidade é um caminhar juntos para Deus e Deus se encontra fundamentalmente nas periferias, só indo às periferias seremos verdadeiramente Igreja sinodal, “uma Igreja que não se alheie da vida, mas cuide das fragilidades e pobreza do nosso tempo, curando as feridas e sarando os corações dilacerados com o bálsamo de Deus” (FRANCISCO, 2021d). Todos somos, assim como Jesus, ungidos pelo Espírito Santo desde o nosso batismo. Essa unção é para evangelizar os pobres, libertar os cativos e oprimidos, dar vista aos cegos e proclamar o ano da graça de Deus (cf. Lc 4,18-19); pois

A vida sinodal da Igreja se oferece, em particular, como diaconia na promoção de uma vida social, econômica e política dos povos sob o signo da justiça, da solidariedade e da paz... É empenho prioritário e critério de toda ação social do povo de Deus o imperativo de escutar o grito dos pobres e aquele da terra, recordando com urgência, na determinação das escolhas e dos projetos da sociedade, o lugar e o papel privilegiado dos pobres, a destinação universal dos bens, o primado da solidariedade e o cuidado da casa comum (CTI, 2018, n. 119).

Já afirmou Francisco (2021a) que “uma Igreja do diálogo é uma Igreja sinodal, que escuta em conjunto o Espírito e a voz de Deus que nos alcança através do grito dos pobres e da terra”. Para ser Igreja sinodal é preciso escutar a voz dos pobres. O Espírito nos fala nos últimos da sociedade, “estes têm muito para nos ensinar. A nova evangelização é um convite a reconhecer a força salvífica das suas vidas, e a colocá-los no centro do caminho da Igreja” (FRANCISCO, 2013, n. 198). Por isso, o Papa explica:

“Mas, Padre, o que está a dizer? Os pobres, os mendigos, os jovens toxicodependentes, todos estes que a sociedade descarta, são parte do Sínodo?”. Sim, caro, sim, cara: não o digo eu, é o Senhor quem o diz: são parte da Igreja. A ponto que, se não os chamarmos, veremos o modo, ou se não os procurarmos para estar algum tempo com eles, para ouvir não o que dizem, mas o que sentem, até os insultos que nos dirigem, não estamos a fazer bem o Sínodo. O Sínodo vai até aos limites, inclui todos (FRANCISCO, 2021c).

Os pobres fazem parte da Igreja e suas vidas têm uma força de salvação que nos interpela. Eles devem estar no centro das preocupações da Igreja. Também por meio dos pobres que não se veem como Igreja, o Espírito nos interpela. O verdadeiro caminho sinodal não se faz sem eles. Mas se já é difícil ir em direção dos pobres para evangelizá-los e libertá-los, muito mais é nos deixarmos evangelizar por eles e assumir que eles também participam da nossa libertação. Mas o Espírito atua na vida dos pobres e suscita neles autênticos testemunhos de sinodalidade que muito podem ajudar a Igreja a ser mais participativa. Primeiro, porque os pobres são os que mais sabem o que é a centralização, o autoritarismo e o mal que causam; os pobres são as maiores vítimas. Podem nos ajudar a vencer o clericalismo que centraliza e a perspectiva monárquica que vê a Igreja como sociedade desigual. Depois, seu estilo de vida sofrido, mas resistente, cheio de medos, mas solidário, pode nos ajudar a ser uma Igreja verdadeiramente pobre e solidária. Por isso, falando aos movimentos populares, assim se expressa o Papa:

Às vezes penso que quando vós, pobres organizados, inventais o vosso trabalho, criando uma cooperativa, recuperando uma fábrica falida, reciclando os descartes da sociedade consumista, enfrentando a inclemência do tempo para vender numa praça, reivindicando um pequeno pedaço de terra para cultivar e alimentar quem tem fome, quando fazeis isto imitais Jesus porque procurais curar, mesmo que seja só um pouco e de modo precário, esta atrofia do sistema socioeconômico imperante que é o desemprego (FRANCISCO, 2016).

E em um encontro anterior, Francisco já questionava:

Que posso fazer eu, recolhedor de papelão, catador de lixo, limpador, reciclador, frente a tantos problemas, se mal ganho para comer? Que posso fazer eu, artesão, vendedor ambulante, carregador, trabalhador irregular, se não tenho sequer direitos laborais? Que posso fazer eu, camponesa, indígena, pescador que dificilmente consigo resistir à propagação das grandes corporações?... Vós, os mais humildes, os explorados, os pobres e excluídos, podeis e fazeis muito. Atrevo-me a dizer que o futuro da humanidade está, em grande medida, nas vossas mãos... Não se acanhem!” (FRANCISCO, 2015b).

Desse modo, para ouvir o que o Espírito diz hoje à Igreja, não há outro caminho que o dos pobres; por meio dele chegaremos a todos, pois o lugar fundamental da presença de Deus é nas periferias, na vida dos pobres. Só caminhando com os pobres, só sendo Igreja em saída para as periferias viveremos a sinodalidade. Negar isso é querer abafar os clamores do Espírito, é se fazer surdos diante da sua voz. Mas o Espírito age, ele clama por justiça e nos impulsiona para a vida em Deus, mas esta vida divina passa pelo caminho dos pobres. Estamos nós dispostos a caminhar juntos por essa estrada?

CONCLUSÃO

No Símbolo da fé confessamos que cremos no Espírito Santo que atua na Igreja. Ele é o grande protagonista na vida e missão da Igreja e todo o dinamismo sinodal é ação do Espírito e, portanto, o processo de escuta para caminhar juntos consiste em ouvir o que o Espírito diz à Igreja. E Ele fala de diversas formas, através de diversas pessoas, ocasiões e circunstâncias. É preciso, pois, coragem para escutá-lo e abrir-se à sua ação. Por isso, nosso trabalho buscou traçar três elementos dessa ação do Espírito no dinamismo sinodal.

Primeiramente, é o Espírito que unge o povo de Deus com o *sensus fidei*, uma espécie de instinto espiritual que faz com que as realidades de fé e costumes sejam co-naturais a todos os batizados. Todos são protagonistas e todos têm uma palavra autorizada, dom do Espírito. Desse *sensus fidei* participam também as outras Igrejas e comunidades, as justas exigências do mundo atual e os pobres como grande critério de fidelidade ao Evangelho.

O mesmo Espírito que deu a todos os batizados uma palavra autorizada e protagonismo na missão, fala através dos sinais dos tempos, nas justas reivindicações do mundo de hoje. Sua ação vem de fora como interpelação para que a Igreja esteja sempre em reforma, caminhando com todas as pessoas de boa vontade para construção de um mundo mais justo e fraterno, germe e semente do Reino de Deus que é vida e dignidade para todos.

Para que isso aconteça, é preciso escutar e fazer o centro de suas preocupações aqueles que estão no centro da vida e missão de Jesus, sendo sacramento de sua presença e critério de verificação de nossa salvação. O Espírito sempre atua a partir de baixo, a partir dos últimos, chamando a Igreja a converter-se aos pobres. Assim, a Igreja só será verdadeiramente sinodal se escutar o Espírito que fala nos últimos.

Reafirmemos nossa fé no Espírito que age na Igreja e assim o fará sempre, por onde ela menos espera.

REFERÊNCIAS

AQUINO JÚNIOR, Francisco de. A sinodalidade como “dimensão constitutiva da Igreja”: retomando e aprofundando a eclesiologia conciliar. *Revista Eclesiástica Brasileira*, v.82, n.321, p.8-23, jan./abr. 2022.

CODINA, Víctor. “Não extingais o Espírito” (1Ts 5,19): Iniciação à Pneumatologia. São Paulo: Paulinas, 2010.

CODINA, Víctor. *O Espírito do Senhor: força dos fracos*. São Paulo: Paulinas, 2019.

COMISSÃO TEOLÓGICA INTERNACIONAL. *O sensus fidei na vida da Igreja*. São Paulo: Paulinas, 2015.

COMISSÃO TEOLÓGICA INTERNACIONAL. *A sinodalidade na vida e na missão da Igreja*. Brasília: Edições CNBB, 2018.

CONCÍLIO VATICANO II. *Vaticano II: Mensagens, Discursos, Documentos*. 2. Ed. São Paulo: Paulinas, 2007.

SECRETARIA DO SÍNODO DOS BISPOS. *Documento preparatório*. Disponível em: <https://www.cnbb.org.br/wp-content/uploads/2021/09/Sinodo-2023-Documento-Preparatorio.pdf>. Acesso em 20 set. 2021.

FRANCISCO, Papa. *Exortação Apostólica Evangelii Gaudium*. Sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual. São Paulo: Paulinas, 2013.

FRANCISCO, Papa. *Homilia no encerramento do Sínodo Extraordinário da família*. 17 de outubro de 2014. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/homilies/2014/documents/papa-francesco_20141019_omelia-chiusura-sinodo-beatificazione-paolo-vi.html. Acesso em 15 abr. 2022.

FRANCISCO, Papa. *Discurso na comemoração do Cinquentenário da instituição do Sínodo dos Bispos*. 17 de outubro de 2015a. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2015/october/documents/papa-francesco_20151017_50-anniversario-sinodo.html. Acesso em 04 de out. 2021.

FRANCISCO, Papa. *Discurso no II Encontro Internacional com os Movimentos Populares*. 09 de julho de 2015b. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2015/july/documents/papa-francesco_20150709_bolivia-movimenti-popolari.html. Acesso em 15 abr. 2021.

FRANCISCO, Papa. *Carta Encíclica Laudato Si'*. Sobre o cuidado da casa comum. São Paulo: Paulinas, 2015c.

FRANCISCO, Papa. *Discurso no III Encontro Internacional com os Movimentos Populares*. 05 de novembro de 2016. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2016/november/documents/papa-francesco_20161105_movimenti-popolari.html. Acesso em 15 abr. 2021.

FRANCISCO, Papa. *Discurso aos membros da Ação Católica Italiana*. 30 de abril de 2017a. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2017/april/documents/papa-francesco_20170430_azione-cattolica.html. Acesso em 15 abr. 2022.

FRANCISCO, Papa. *Encontro com os membros da Cúria Romana para as felicitações natalinas*. 21 de dezembro de 2017b. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2017/december/documents/papa-francesco_20171221_curia-romana.html. Acesso em 15 abr. 2022.

FRANCISCO, Papa. *Exortação Apostólica Gaudete et Exultate*. Sobre o chamado à santidade no mundo atual. São Paulo: Paulinas, 2018.

FRANCISCO, Papa. *Exortação Apostólica Pós-Sinodal Querida Amazônia*. São Paulo: Paulinas, 2020.

FRANCISCO, Papa. *Discurso aos membros do Conselho Nacional da Ação Católica Italiana*. 30 de abril de 2021a. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2021/april/documents/papa-francesco_20210430_azione-cattolica.html. Acesso em 13 mai. 2021.

FRANCISCO, Papa. *V Mensagem para o Dia Mundial dos Pobres*. 13 de junho de 2021b. Disponível em: <https://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/poveri/documents/20210613-messaggio-v-gior-natamondiale-poveri-2021.html>. Acesso em 16 jun. 2021.

FRANCISCO, Papa. *Discurso aos fiéis da Diocese de Roma*. 18 de setembro de 2021c. Disponível em: <https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2021/september/documents/20210918-fedeli-dio-cesiroma.html>. Acesso em 07 out. 2021.

FRANCISCO, Papa. *Momento de Reflexão para o início do Percorso Sinodal*. 09 de outubro de 2021d. Disponível em: <https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2021/october/documents/20211009-apertura-camminosinodale.html>. Acesso em 11 out. 2021.

SECRETARIA DO SÍNODO DOS BISPOS. *Vademecum*. Manual Oficial de Auscultação e Discernimento nas Igrejas Locais. Disponível em: <https://www.cnbb.org.br/wp-content/uploads/2021/09/PT-Vademecum.pdf>. Acesso em 23 set. 2021.